

Recortes de Imprensa

Junho 2017



Apoio:

Três idosos são vítimas de violência todos os dias, segundo dados da APAV



Segundo o Jornal de Notícias, que cita números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), só em 2016 mais de mil idosos foram violentamente agredidos. Muitos casos dizem respeito a roubos, outros a violência doméstica. Ainda de acordo com a APAV, pelo menos três idosos são vítimas de violência todos os dias, sendo a maioria (77,2%) do sexo feminino e com mais de 75 anos.

“Muitas vezes os autores dessa violência são do círculo mais próximo das vítimas”, explicou ao Jornal de Notícias o Presidente da APAV. E acrescentou, João Lázaro: “Precisamos de planos de acção para combater a violência. No caso específico dos idosos, muito ou quase tudo ainda está por fazer, quer em termos de prevenção, quer de promoção dos direitos e protecção”.

A solução, acredita o Presidente da APAV, pode estar nas políticas de proximidade. Mas não só. “No que diz respeito a situações de roubo, tudo tem a ver com isolamento das populações. Mas as políticas de proximidade não podem ser meramente policiais. Não basta apenas que a GNR passe nos locais; temos de ter políticas integradas de proximidade”, explicou.

Em 2015, o Governo de Passos Coelho aprovou uma resolução prevendo a criminalização do abandono de idosos, mas igualmente de todas as formas de violência e abuso, exploração ou discriminação. O actual Governo criou entretanto um grupo de trabalho sobre a Estratégia Nacional para o Envelhecimento Activo e Saudável e prevê apresentar nas dentro de semanas uma dezena de medidas para combater a violência contra idosos.

Catarina Marcelino Alunos questionam secretária de Estado sobre a desigualdade de género e violência no namoro

“O importante é que as vítimas peçam ajuda”



Tiago, Luna, Sara e Pedro receberam e entrevistaram Catarina Marcelino no estúdio do “Jornal de Notícias”

Os temas não podiam ser mais atuais e o mérito foi de Luna Duarte, Tiago Guia, Pedro Maia e Sara Martins, alunos da Escola Básica Irene Lisboa. Tinham pela frente a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, aproveitaram para falar da igualdade de género e da violência no namoro, dois assuntos que preocupam alunos, pais e professores. A governante assumiu: a violência psicológica e física é preocupante, o Estado tem de tomar medidas para a prevenir e ajudar as vítimas.

Acha que existe muita desigualdade de género na escola?

Há desigualdade de género. Eu acho que o problema da desigualdade de género tem muito a ver com o papel dos rapazes e raparigas, homens e mulheres. Ou seja, os estereótipos de género, que é aquilo que está convencionado sobre aquilo que todos acham que é um rapaz: destemido, forte, não

deve ter medo, nunca chora, aquelas ideias que existem nos rapazes. E diz-se normalmente que as meninas são sensíveis, que gostam de estar sossegadas, que são menos agitadas do que os rapazes. E essas ideias fixas que existem na nossa cabeça levam à desigualdade de género, porque temos dificuldade em olhar para as raparigas e para os rapazes da mesma maneira. Isso não está certo porque os rapazes e as raparigas não são todos iguais. O mais importante é que, sejam rapazes ou raparigas, cada um de nós seja o que quer ser.

Considera mais preocupante a violência física ou psicológica?

Toda a violência é preocupante. Não há violência física sem violência psicológica. Se me baterem há sempre um efeito psicológico em mim. A violência física tem sempre violência psicológica. Mas a violência psicológica também é muito má: insultar, rebaixar, dizer

às pessoas que fazem tudo mal. Isso é muito mau e tem efeitos na vida das pessoas a longo prazo muito graves. Há coisas que são violência, mas que não damos conta disso: controlar o telemóvel, as mensagens, decidir se a namorada se veste assim ou de outra maneira. A violência não é só insultar ou bater. Há outras formas de violência que são muito más. E hoje há muito cyberbullying e a violência pelas redes sociais, que também é muito má e que tem um problema muito grave: o que lá entra nunca mais de lá sai. Essa forma de violência deve ser fortemente combatida.

Os casos de violência no namoro têm vindo a baixar?

Os números da violência no namoro não baixam. O que é importante não é se há mais números, mas se quem é vítima procura mais ajuda. Os números a aumentar indicam que há mais gente a pedir ajuda. Por isso, aquilo em

que temos de nos concentrar é sobretudo em promover campanhas, passar a palavra de quem tem problemas no namoro deve pedir ajuda aos professores, aos pais. É sempre importante pedir ajuda a um adulto quando há violência no namoro.

Concorda que haja sanções para a violência no namoro?

Concordo que haja sanções. A violência no namoro é um crime que está inscrito no nosso Código Penal, não é só um ato mau contra alguém. E isto é muito importante que se saiba. A violência é crime e pode-se ser preso por um ato de violência.

Quando um jovem sofre de violência deve-se dirigir onde?

Deve dirigir-se, em primeira mão, à escola e aos professores e pedir ajuda. Os docentes podem procurar informação. Há uma aplicação que diz todos os sítios onde se pode procurar ajuda na região onde se está. Também se pode ligar para linhas telefónicas da APAV [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima] ou outras associações. O primeiro passo que um jovem deve dar é dirigir-se ao pai ou à mãe. Não se deve ter vergonha. Quem está mal é quem agride e não quem é agredido.

Que medidas estão a pensar para prevenir a violência no namoro?

Estamos a pensar em várias medidas. Temos uma campanha “Muda de curso”, pensada juntamente com as federações académicas. Temos um vídeo, folhetos, que estamos a espalhar pelas festas académicas, escolas e universidades. Temos também mais projetos, um deles que é o Artemis, que envolve 1500 alunos de todo o país, e também um projeto com a Universidade de Aveiro e com o Movimento Democrático de Mulheres, onde temos um videjogo muito fixe para pensar na área da violência no namoro. Temos outros projetos com outras associações em todo o país. A violência no namoro não é fixe e temos de fazer alguma coisa.



O mais importante é que, rapazes ou raparigas, cada um de nós seja o que quer ser

Também é violência controlar o telemóvel e as mensagens da namorada ou decidir como ela se veste



UBI

Docente é embaixadora do projeto “Desporto sem Bullying”

Dulce Esteves, docente e investigadora do Departamento de Ciências do Desporto da Universidade da Beira Interior, foi nomeada embaixadora do projeto “Desporto sem Bullying”.

A professora junta-se a figuras como Armando Leandro, presidente da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens; Diogo Infante, ator; Joana Pratas, velejadora olímpica e Luís Represas, músico, entre muitos outros, como embaixadores deste projeto. O “Desporto sem Bullying” está disponível na Internet, local onde atletas, pais, professores e dirigentes podem encontrar ajuda para identificar e lidar com o problema. Para breve está uma linha SOS, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), entidade parceira.

Arrifes quer comunidade a combater violência escolar

EBI desafia entidades públicas e privadas a trabalharem em conjunto para baixar o índice de violência que se regista no meio escolar

ANA PAULA FONSECA
afonseca@acorianooriental.pt

A Escola Básica Integrada (EBI) dos Arrifes assina hoje, pelas 14h30, uma Carta de Recursos do Território onde várias entidades locais e regionais são chamadas a trabalhar em conjunto no combate à violência em meio escolar. O documento a assinar com 18

instituições da localidade e associações ligadas à promoção de públicos em risco, entre outras, visa formalizar a Rede de Transformação Externa do Plano Estratégico de Ação que a EBI tem curso na escola até ao próximo ano letivo.

Este plano está integrado no Projeto de Combate à Violência e Promoção da Cidadania, numa parceria estabelecida entre a Direção Regional da Educação e a EPIS – Empresários pela Inclusão Social. Idêntico projeto decorre em 14 escolas da ilha de São Miguel.

Com esta Carta de Recursos do Território, a EBI desafia a comunidade envolvente a unir esforços



Plano de combate a violência decorre até 2018

no sentido de contribuir para a diminuição do índice de violência registado na escola, bem como promover os valores da cidadania. Através da execução do projeto a escola pretende aumentar o bem estar escolar e reduzir a predisposição para a violência, as crenças sexistas e promover os valores de cidadania como a tolerância, solidariedade, empatia amabili-

dade, respeito pelo outro e altruísmo.

A escola prevê assim, um conjunto de ações que serão desenvolvidas através do Gabinete AGIR+ que surge e, como se lê no documento, “como uma resposta ativa no combate à violência em meio escolar”.

Para tal estão previstas ações que visam em termos gerais a for-

mação de agentes educativos, das famílias e dos agentes comunitários em gestão e resolução de conflitos; a criação de um circuito interno de sinalização, avaliação, encaminhamento e intervenção de casos de violência; a promoção da integração socioescolar e mudança comportamental pelas artes e pelo desporto; e a criação do Prémio “+ Cidadania” a atribuir a projetos de intervenção da escola na comunidade.

A Carta de Recursos do Território é assinada por instituições da freguesia, como Banda Lira Nossa Senhora da Saúde, Casa do Povo, junta de freguesia, Clube Desportivo Escolar e a Escola Básica Integrada de Arrifes, e também pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Associação de Promoção de Públicos Jovens em Risco (APPJ), ARRISCA, Associação 9 Circos, Centro de Desenvolvimento Infante Juvenil dos Açores (CDIJA), Centro de Terapia Familiar e Intervenção Sistémica, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Ponta Delgada, Cresaçor, IAC- Açores, Instituto da Segurança Social dos Açores, Kairós, LAPSPS – Centro de Apoio Psicoterapêutico e Psicopedagógico, Solidaried' arte e Regimento de Guarnição N.º 2. ♦



Burnout: quando o trabalho destrói a mente, o corpo... e a vida

DIREITOS RESERVADOS

O burnout pode ser caracterizado como o desfasamento entre as expectativas do profissional e aquilo que encontra na realidade

RODRIGO TAVARES
acorianooriental@acorianooriental.pt

O síndrome de burnout é definido como uma perturbação mental e do comportamento que está diretamente relacionado com o contexto de trabalho. Pode ser caracterizado como sendo um estado de exaustão - quer a nível físico, quer a nível emocional - que resulta da exposição a um conjunto de circunstâncias laborais muito especiais.

Na prática, e como explica Emanuela Braga, assessora técnica da APAV Açores (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) em entrevista ao Açoriano Oriental, o burnout não é mais do que um desfasamento entre aquilo que são as expectativas do profissional e aquilo que ele encontra na realidade.

De acordo com a própria, existem algumas características associadas a este síndrome além da exaustão física, emocional e psicológica. "Verifica-se uma despersonalização, ou seja, é quase como uma desumanização das relações com o outro que resulta dessa mesma exaustão. O profissional sente que ao não conseguir lidar com as suas próprias emoções, acaba por ter tendência a desenvolver um conjunto de comportamentos e atitudes negativas, até mesmo de certa indiferença e cinismo que mantém na relação com o outro."

Outra característica que define este síndrome é também a falta de realização pessoal. Portanto, o indivíduo começa a avaliar o seu trabalho de forma negativa e sente que já não é capaz de corresponder aquilo que lhe é exigido.

Este transtorno pode, no en-

Não hesite em contactar a APAV em qualquer tipo de situação de risco

tanto, ser facilmente confundido com uma depressão, até porque são duas perturbações do foro mental. O que as distingue, explica Emanuela Braga, é que o burnout, como referido anteriormente, está relacionado com o contexto de trabalho, "ao passo que a depressão não tem as suas causas tão definidas e afeta os vários níveis da pessoa."

APAV apoia vítimas de todo o tipo de crimes

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição partilhada de solidariedade social, que tem como objetivo promover e contribuir para a informação, proteção e apoio aos cidadãos vítimas de infrações penais. É, em suma, uma organização sem fins lucrativos que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais. No entanto, e como con-

De salientar também que este síndrome pode afetar profissionais das mais diversas áreas. Do gestor de um banco ao funcionário de uma fábrica, todos são suscetíveis de sentir algum sintoma de burnout. No entanto, e como aponta a literatura, há algumas profissões que são mais vulneráveis, nomeadamente aquelas que estão ligadas à área da saúde, da

firma Sílvia Branco, gestora da APAV Açores, os casos de violência doméstica são os que suscitam mais pedidos de apoio. "Embora tenhamos que cheguem até nós pessoas com outros tipos de crime, [é complicado], por isso é que temos uma parceria com a PSP e com a Polícia Judiciária. As pessoas não sabem que existe uma associação de apoio mais genérico que apoia todos os cidadãos vítimas de crime, independentemente do tipo de crime." *



O síndrome de burnout pode ser facilmente confundido com uma depressão

educação e também das ciências sociais e humanas. "Isto porque são profissões que têm uma vertente humana onde existe contacto direto e frequente com a população e são expostas a situações com uma conotação mais negativa. Por exemplo, no casos dos técnicos de apoio à vítima, o facto de lidarem todos os dias com situações traumáticas, de crime, ouvir todos os dias histórias e imaginar

Profissões onde existe contacto direto com a população são mais suscetíveis de resultar em síndrome de burnout

essas mesmas histórias pode afetar posteriormente o seu bem estar psicológico", afirma a assessora técnica da APAV Açores.

Outra questão fundamental quando aparecem situações relacionadas com o burnout na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima é tentar perceber se houve ou não alguma situação de crime que possa ter dado origem a este fim da linha em que a pessoa se encontra. Ou seja, se a pessoa foi vítima, por exemplo, de injúrias, ameaças ou assédio moral. "Por norma, as pessoas quando che-

gam até nós já se encontram num nível emocional muito grave. E é neste sentido que a APAV tenta conciliar a sua intervenção, apoiando vítimas de crime, não descurando eventualmente a existência do burnout", reitera Sílvia Branco, gestora da APAV Açores.

Ana (nome fictício), é um caso que ilustra bem este tipo de circunstância. "(...) Um dia antes de voltar ao trabalho fui parar para o hospital. A pressão era tanta que só pensava no que é que poderia acontecer. O INEM foi buscar-me. Eu olhei para o meu filho, com quatro meses e meio, e só disse ao meu marido "Olha pelos nossos filhos" (ver entrevista na íntegra na página 3).

Quando questionada sobre se o burnout é a doença do século XXI, Sílvia Branco é perentória. "É inevitável não respondermos a essa pergunta de uma forma positiva, até porque atendendo à conjuntura atual em que o país se encontra, a redução dos recursos humanos nas instituições e com o aumento da exigência que estas implementam, é difícil não existirem cada vez mais situações de burnout. O ideal seria termos mais técnicos e o trabalho ser dividido de uma forma mais equitativa. Mas hoje em dia não é fácil, e é comum ouvirmos expressões como "Se não queres tu, há quem queira." *

SHUTTERSTOCK

Entrevista

Ana (nome fictício) trabalhou vários anos num estabelecimento de restauração. Por várias vezes foi vítima de ofensas e pressão psicológica. Aquando do rapto da sua filha, os sintomas agudizaram-se e pediu ajuda à APAV, altura em que percebeu que sofria de síndrome de burnout

“Não comíamos e refrescávamos a cara com um cubo de gelo”

RODRIGO TAVARES
acorianooriental@acorianooriental.pt

Em que altura é que percebeu que poderia estar a passar por algum tipo de transtorno?

Há cerca de oito anos. Eu era chefe de equipa num estabelecimento de restauração. Ao princípio era bem tratada como um ser humano qualquer, até que tudo mudou aquando da mudança da equipa.

A restauração é, por si só, uma área complicada de se trabalhar?

Muito complicada. A pressão... ter de abrir uma loja só com um colaborador, ainda para mais quando estávamos as duas grávidas. Custa-me um bocado recordar os tempos antigos. Não é fácil duas grávidas estarem sozinhas, ter de pegar em caixas pesadíssimas... (choro). Eu já tinha duas filhas e tentava pôr-me no lugar daquela rapariga [que nunca tinha sido mãe]. Fazia muitas vezes o trabalho dela para que ela não corresse o risco de perder aquela gravidez.

Mas ficava você em risco de perder o seu filho.

Não havia outra solução. Éramos só nós com a diferença de um mês. Muitas vezes nem comíamos (choro)... tínhamos tonturas e refrescávamos a cara (...) com um cubo de gelo. Trabalhava até altas horas da noite. Aquando da minha segunda gravidez, ao fim do primeiro mês e meio tive ameaça de aborto. Essa já não foi como a outra que trabalhei até aos oito meses. Lembro-me perfeitamente de um dia em que as minhas colegas me soçomeram e diziam que estava com uma cor verde. Quando já não estava mesmo a aguentar dirigi-me ao gerente e expliquei-lhe a situação. Foi aí que ele me disse que se fosse era para ir era de vez... não precisava mais de mim. Fui diretamente para o hospital, para o bloco de partos, onde me alertaram que das duas uma, ou continuava a trabalhar, ou perdia o bebé. Mas o meu pavor era tanto porque sabia que se metesse baixa ia ser um inferno (choro). (...) O stresse foi maior, a fome... estar a trabalhar na restauração, fazer comida e vender, e não poder comer.

Chegaram a passar fome no vosso local de trabalho?

Nove horas sem comer. (...) Isso geralmente acontecia com todos. Ver os outros a sofrer à nossa frente não é fácil... queremos fazer alguma coisa para ajudar e não podemos porque o nosso trabalho também está em risco. Os colaboradores muitas vezes pediam-me se poderiam beber água ou ir à casa

de banho. Eu dizia que sim, mas depois brigavam comigo porque não podia autorizar.

Nunca fizeram queixa junto das entidades competentes?

Na altura fui ao tribunal do trabalho, corri tudo, mas todos diziam que não podiam fazer nada. Chegou a ir lá a inspeção de trabalho, mas aí éramos obrigados [a fazer de conta].

Portanto, ao longo desses oito anos teve dois filhos. Quando regressou depois da segunda gravidez foi bem recebida ou as condições mantiveram-se iguais?

Fui recebida normalmente. Aquilo para nós era o normal. Nós não éramos tratados como seres humanos, mas sim como máquinas de trabalho sem quaisquer direitos. Só tínhamos obrigações.

Sentiu-se escrava?

Mais do que isso.

Em que medida?

A nível psicológico. As coisas que vivíamos, as ofensas que nos eram dirigidas do género: “Estás aqui porque eu gosto do teu trabalho e não porque gosto de ti. Dás lucro à loja.” Noutra altura, houve quase uma agressão física por parte do gerente.

Não fez queixa?

Era a minha palavra contra a dele.

Tinha a consciência de que ia voltar ao inferno?

Sabia. Tanto que um dia antes de voltar ao trabalho fui parar para o hospital. A pressão era tanta que só pensava no que é que poderia acontecer. O INEM foi buscar-me. Eu olhei para o meu filho, com quatro meses e meio, e só disse ao meu marido “Olha pelos nossos filhos”.

Normalmente falava com o seu marido sobre aquilo que vivia?

Contar e viver é muito diferente... Acordar e pensar naquilo, como é que vai ser o dia seguinte é muito difícil. Quando lá entravam os jovens eu só dizia “Bem vindos ao inferno.” Eu vi muitos serem destruídos...ficarem magros e com depressões. Quanto mais família a pessoa tivesse mais pressão a gerência exercia sobre nós. Houve inclusivamente um jovem que estava cá sozinho que passou um inferno.

O que é que aconteceu a esse jovem em particular?

Chegaram a meter molhos no chão de propósito para o rapaz limpar. Diziam-lhe “agora limpa” (choro).

Presumo que tudo isso tenha afetado o seu dia a dia, que não somente no seu local de trabalho, ou não?

Muito. Entrei em depressão. Foram muitos anos a tentar ser forte. Estive para me despedir três vezes. Os números eram mais importantes do que a saúde das pessoas. Eles diziam mesmo que se não fosse eu o que não faltavam eram pessoas que queriam trabalhar. (...) [Houve uma altura em que] estava com quarenta e poucos quilos.

Qual foi o momento que para si foi o atingir da linha e que nunca pensou que pudesse vir a acontecer?

Tirando as ameaças de agressão...houve um momento e que eu estava com um pack de copos na mão e o gerente torceu-me o dedo. Estive alguns dias com o dedo magoado.

Mais tarde foi até à APAV pedir ajuda, mas entretanto já na sequência de um acontecimento terrível para qualquer mãe. O que é que aconteceu?

Isso é uma coisa que não gosto de falar, até porque ainda é muito recente. Na altura que eu mais precisei não tive o único telefonema da entidade patronal.

Em que ano é que a sua filha foi raptada?

Em 2015. Tinha 11 anos. Esteve meia hora desaparecida porque agimos de imediato... como sou uma mãe muito protetora tinha de saber onde ela estava, e ela só tinha ido levar o lixo à rua.

Como é que se encontra a sua filha atualmente?

A minha filha não consegue adormecer sem eu estar em casa. Não posso regressar ao trabalho sequer, ainda por cima fazer horário noturno.

Que trabalho é que a APAV desenvolveu consigo?

Não tenho palavras para descrever. Foi quem me deu apoio desde o princípio. A nível psicológico ainda hoje nos acompanha. Se estou de pé devo isso à APAV. Mais ninguém se ofereceu. Deixaram-nos completamente à deriva.

Depois da ajuda da APAV, sente que a sua vida está mais tranquila?

Sinto. Eu sei que para aquele local não volto mais, está completamente fora de questão. Só me ia afundar. Costumo dizer que a minha juventude ficou lá e não tenho forças para começar do zero.

Quais é que são os seus objetivos daqui para a frente?

Gostaria de ter tempo para os meus filhos. Restauração nem pensar. A pessoa que trabalha na restauração destrói a sua vida*.



Emanuela Braga, assessora técnica da APAV



Sílvia Branco, gestora da APAV Açores



Número de vítimas subiu 30% em quatro anos

Violência contra idosos aumentou

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados ontem divulgados pela associação.

Os agressores são na maioria

os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas

Idosas. Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475 - 941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) -, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos. **JM**



APAV

Mais idosos procuram ajuda por serem vítimas de violência

Entre 2013 e 2016 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos. “São cerca de 24 pessoas idosas que recorreram aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade” que os apoia, disse Maria Oliveira, técnica da APAV.



ID: 69989828

15-06-2017

FOTOS REUTERS E GLOBAL IMAGENS

FACTOS

Idosos são cada vez mais vítimas de violência doméstica

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados ontem divulgados pela associação.

Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475 - 941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) -, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos.

“São cerca de 24 pessoas idosas que recorrem aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade” que os apoia, disse à agência Lusa Maria Oliveira, técnica da APAV.

Contudo, a associação refere que estes dados “ainda são uma amostra daquilo que acontece na sociedade”, havendo ainda “um grande trabalho a fazer de sensibilização e protecção dos direitos das pessoas idosas”, defendeu Maria Oliveira.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5%), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8%), casadas (42,8%) e a viverem numa família nuclear com filhos (31,7%), o que faz com que a maioria das situações de violência aconteça em casa (48,9%).

Das 1.009 vítimas registadas em 2016,



ADEUS 'ROAMING'

A União Europeia salientou ontem que o fim do 'roaming' é uma "verdadeira história de sucesso europeia", na véspera do final oficial da cobrança de taxas pelo uso de telemóvel noutro Estado-membro. A partir de hoje, as taxas de 'roaming' deixarão de ser cobradas na UE, 11 anos depois da primeira proposta apresentada nesse sentido pela então 'Comissão Barroso'.

COÁGULOS NO SANGUE

Investigadores da Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos, desenvolveram uma nova técnica para destruir coágulos no sangue que causam as trombozes venosas profundas, utilizando ultrassom intravascular de baixa frequência.

FOGO EM PARQUEAMENTO DESTRÓI 40 VIATURAS

O fogo que ontem à tarde deflagrou num estacionamento de viaturas de uma empresa de aluguer de automóveis, no Patacão, em Faro, danificou cerca de 40 veículos. O incêndio, de causas desconhecidas, foi combatido por cerca de 50 bombeiros.



SUSPEITO DE ATENTADO FOI MORTO

O Presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou ontem que o suspeito do tiroteio ocorrido em Alexandria (Virgínia) morreu na sequência dos ferimentos, através de uma declaração emitida na Casa Branca. O tiroteio, que provocou pelo menos cinco feridos, incluindo o congressista Steve Scalise, ocorreu num campo de baseball em Alexandria, onde se encontravam diversos membros do Partido Republicano que treinavam para uma partida de beneficência. O suspeito, identificado como James T. Hodgkinson, 66 anos, tinha ameaçado na rede social Facebook "destruir Trump e companhia" e declarava-se um apoiante do senador democrata Bernie Sanders.

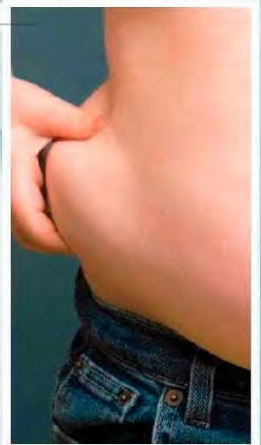


PORTO QUER PROGRAMA PARA ACOLHER EMIGRANTES DA VENEZUELA

O presidente do Conselho Metropolitano do Porto (CmP), Emídio Sousa, defendeu hoje no Porto a criação de um "programa especial de acolhimento" de portugueses e lusodescendentes residentes na Venezuela.

OBESIDADE EM MENORES DE 20 ANOS QUASE TRIPLICOU

A taxa de obesidade em menores de 20 anos quase triplicou em Portugal entre 1980 e 2015, passando de 3% para 8%, mostra um estudo internacional do qual faz parte o investigador da Universidade Católica do Porto, João Fernandes. Em relação à população adulta, as estatísticas analisadas indicam que a obesidade afecta mais adultos do sexo feminino do que do sexo masculino (22% e 17%, respetivamente).



contra 774 em 2013, 679 tinham idades entre os 65 e os 79 anos (67,4%) e 330 tinham entre 80 e mais de 90 anos (32,6%).

O número de agressores contabilizados neste período, ultrapassou o de vítimas (3.612), ascendendo aos 3.782, sendo na maioria homens (68,2%), com idades entre os 65 e os 74 anos, reformados (21%) e desempregados (19%).

O tipo de vitimação continuada, com uma duração entre dois e seis anos (8,7%), prevaleceu em 2016. Contudo, houve 45 vítimas (4,3%) que sofriam situações de violência há mais de 40 anos.



APAV regista aumento de idosos vítimas de violência

Entre 2013 e 2016, a associação registou um aumento de 30% de crimes contra idosos, sendo as mulheres as maiores vítimas

LUSA
Açoriano Oriental

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados ontem divulgados pela associação.

Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475 – 941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) –, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos.

“São cerca de 24 pessoas idosas que recorreram aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade” que os apoia, disse à agência Lusa Maria Oliveira, técnica da APAV.

Contudo, a associação refere que estes dados “ainda são uma amostra daquilo que acontece na sociedade”, havendo ainda “um grande trabalho a fazer de sensibilização e proteção dos direitos das pessoas idosas”, defendeu Maria Oliveira.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5%), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8%), casadas (42,8%) e a viverem numa família nuclear com filhos (31,7%), o que faz com que a maioria das situações de violência aconteça em casa (48,9%).

Das 1.009 vítimas registadas em 2016, contra 774 em 2013, 679 tinham idades entre os 65 e os 79 anos (67,4%) e 330 tinham entre 80 e mais de 90 anos (32,6%).

O número de agressores contabilizados neste período, ultrapassou o de vítimas (3.612), ascendendo aos 3.782, sendo na maioria homens (68,2%), com idades entre os 65 e os 74 anos, reformados (21%) e desempregados (19%).*

EDUARDO RESENDES



Agressores são na sua maioria os filhos



Aumenta violência sobre idosos



As mulheres são as principais vítimas da violência sobre idosos

●●● A APAV registou um aumento de 30 por cento de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados ontem divulgados pela associação.

Os agressores são na maioria os filhos (39,6 por cento), o cônjuge (26,5 por cento), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4 por cento) e os netos (36 por cento), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34 por cento nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475-941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) -, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos.

"São cerca de 24 pessoas idosas que recorreram aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade" que os apoia, disse à agência Lusa Maria Oliveira, técnica da APAV.

Contudo, a associação refere que estes dados "ainda são uma amostra daquilo que acontece na sociedade", havendo ainda "um grande trabalho a fazer de sensibilização e proteção dos direitos das pessoas idosas", defendeu Maria Oliveira.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5 por cento), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8 por cento), casadas (42,8 por cento) e a viverem numa família nu-

destaque

► Em 2016 foram registados 717 casos de maus-tratos psíquicos (30,1 por cento), 442 de maus-tratos psicológicos (19 por cento) e 281 de ameaças/coação (12,1 por cento)

► Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5 por cento), com idades entre os 65 e 69 anos

► A APAV registou um aumento de 30 por cento de crimes contra idosos entre 2013 e 2016

► Situações são muitas vezes denunciadas quando as vítimas dão entrada nas unidades de saúde com lesões resultantes da violência

clear com filhos (31,7 por cento), o que faz com que a maioria das situações de violência aconteça em casa (48,9 por cento).

Das 1.009 vítimas registadas em 2016, contra 774 em 2013, 679 tinham idades entre os 65 e os 79 anos (67,4 por cento) e 330 tinham entre 80 e mais de 90 anos (32,6 por cento).

O número de agressores contabilizados neste período, ultrapassou o de vítimas (3.612), ascendendo aos 3.782, sendo na maioria homens (68,2 por cento), com idades entre os 65 e os 74 anos, reformados (21 por cento) e desempregados (19 por cento).

O tipo de vitimação continuada, com uma duração

entre dois e seis anos (8,7 por cento), prevaleceu em 2016. Contudo, houve 45 vítimas (4,3 por cento) que sofriam situações de violência há mais de 40 anos.

"É uma amostra significativa, que é preocupante, porque estamos a falar de relações de conjugalidade que perduram ao longo de muitos anos", disse Maria Oliveira.

Muitas destas situações acabam por ser denunciadas "por terceiros", como profissionais de saúde ou familiares diretos, mas também pela vítima, que já não consegue suportar mais a violência física e verbal.

Em 2016 foram registados 717 casos de maus-tratos psíquicos (30,1 por cento), 442 de maus-tratos psicológicos (19 por cento) e 281 de ameaças/coação (12,1 por cento).

Estes números demonstram que as situações de violência em contexto familiar "não acarretam necessariamente a violência física, mas muitas vezes a psicológica", explicou Maria Oliveira.

Há expressões de preconceito como "já não prestas", "raça da velha", que "muitas vezes ouvimos em relação à velhice, ao envelhecimento" e ao próprio idoso, que constituem uma violação de direitos humanos.

"Cada vez mais há uma violação constante dos direitos das pessoas idosas quer a nível da sua autonomia, quer na sua capacidade de decisão", e "situações de violência e de crime" que "não podem voltar a acontecer".

Para isso, defendeu, tem que ser feito um trabalho de forma articulada entre as várias entidades da justiça, saúde e segurança social e as organizações que apoiam estas vítimas.



Relatório São 3612 vítimas, entre 2013 e 2016, na maioria mulheres. Processos aumentaram 34% em três anos. Provedor de Justiça aponta falhas na sociedade

APAV regista quase nove mil crimes contra idosos



BRUNO CASTANHEIRA/GLOBE IMAGES

Muitas pessoas aguentam maus-tratos durante décadas. No ano passado, foram abertos 1261 processos na APAV

Leonor Paiva Watson *

leonorpaiva@jn.pt

► A APAV registou 8578 crimes contra idosos, entre 2013 e 2016, num total de 3612 vítimas. As mulheres são as mais sacrificadas, na maior parte das vezes nas suas casas, maioritariamente às mãos dos filhos e dos maridos. Já o relatório anual de atividade do provedor de justiça de 2016 revela que a Linha

do Cidadão Idoso recebeu, naquele ano, 2878 chamadas.

Segundo os dados daquela associação, entre 2013 e 2016 houve um aumento destes processos na ordem dos 34%, já que em 2013 foram 941 e em 2016 foram 1261. No total, contabilizando de 2013 a 2016, registaram-se 4475 processos, remetendo estes para crimes de violência doméstica, contra pessoas ou contra o património,

entre outros. Muitas das vítimas foram reiteradamente agredidas ao longo do tempo, sendo que a maioria aguentou entre dois a seis anos, aparecendo logo em segundo lugar as que o foram por mais de 40 anos. A tendência é igual desde 2013 a 2016.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5%), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8%), casadas (42,8%) e a viverem numa família

nuclear com filhos (31,7%). Do total das 3612 vítimas, 2872 são mulheres e 740 são homens.

Em primeiro lugar (48,9%), estas situações acontecem na residência que a vítima partilha com a sua família, e logo de seguida, em 32,4% dos casos, na residência onde mora sozinha. Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), havendo casos em que se trata dos vizinhos (4,4%) e dos netos (3,6%).

Uma parte desta realidade acabam por ser denunciada por terceiros, como familiares, vizinhos, profissionais de saúde, mas também pela própria vítima, que chega a um ponto em que já não tolera a violência física e psicológica.

Sociedade maltrata mais velhos

Ontem, ouvido na comissão parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, o Provedor de Justiça afirmou que a nossa sociedade “não está preparada para responder” ao que é relativo ao tratamento de idosos. José de Faria Costa sublinhou, por isso, a importância da Linha do Idoso, que só no ano passado registou quase três mil chamadas.

“A quantidade de telefonemas é fundamentalmente hoje, e cada vez mais, na Linha do Idoso porque nós, de um momento para outro, começamos a inverter a pirâmide e a nossa sociedade não está preparada para responder a questões tão simples, tão corriqueiras, como é aquela de tratar um idoso”, disse o provedor.

De resto, na informação que a APAV enviou às redações no âmbito do Dia da Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas, que hoje se assinala, a associação sublinha o aumento significativo verificado em 2016 face a 2013. Todavia, acrescenta, que “este aumento, bem como os registados pelas estatísticas oficiais da justiça, não reflete a realidade diariamente vivida, ainda mais trágica e sofrida”. • COM LUSA

COMBATE À VIOLÊNCIA

Três idosos são agredidos por dia

APAV Número de vítimas de violência aumentou 30% em quatro anos



PERFIL DAS VÍTIMAS

 **79,51%** são mulheres

26,8% têm entre 65 e 69 anos

14,8% Vitimização ocorre entre 2 e 6 anos



42,8% são casadas 

31,7% têm uma família com filhos 

48% das agressões ocorrem na residência familiar

39,6% são agredidas pelos filhos

JOANA DA SILVA/JOÃO TAVARES

São três os idosos que procuram ajuda por dia, 24 por semana. Um total de 8578 desde 2013. A maioria das vítimas são mulheres. Destas, 4,3% sofrem caladas há mais de 40 anos. A violência exercida com mais frequência é a psicológica, em que a vítima é diminuída, sente que já não tem qualquer capacidade, principalmente poder de decisão, 'que não presta', 'que não tem valor', sente-se inútil. Esta é a realidade relatada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que hoje - Dia Internacional da Sensibilização

sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosas - alerta para a forma como tratamos os mais velhos.

A associação registou um aumento de 30% de crimes contra idosos, nos últimos quatro anos - a A P A V considera idosos as pessoas com mais de 65 anos. Os agressores são, sobretudo, os filhos (39,6%), os netos (36%) e os cônjuges (26,5%). Em 4,4% dos casos são maltratados pelos vizinhos.

Segundo Maria Oliveira, assessora técnica da APAV, mui-

tas das vítimas não falam e não procuram ajuda por medo, vergonha ou falta de informação. Adianta que o papel dos profissionais de saúde, dos familiares e dos vizinhos pode ser muito importante na denúncia de situações de

violência.

Como uma das medidas para combater a violência sugere uma estratégia nacional em que exista maior articulação entre várias entidades - como o Ministério Público, lares, centros de saúde, Segurança Social e organizações que apoiam as vítimas. ●

VÍTIMAS NÃO FALAM E NÃO PROCURAM AJUDA POR MEDO E VERGONHA

tas das vítimas não falam e não procuram ajuda por medo, vergonha ou falta de informação. Adianta que o papel dos profissionais de saúde, dos familiares e dos vizinhos pode ser muito importante na denúncia de situações de



DISCURSO DIRETO

Maria Oliveira, Assessora técnica da direção da Associação Portuguesa do Apoio à Vítima

“A AGRESSÃO MAIS FREQUENTE É A PSÍQUICA”

CM – Neste dia internacional da prevenção da violência contra os idosos qual é a realidade destas pessoas?

Maria Oliveira –

Existe um aumento de 34% em 2016 correspondente a 1261 processos, sendo 1009 referentes a algum tipo de violência.

– Qual é o tipo de violência mais frequente?

– 40% dos agressores são filhos da vítima e 49% dessas agressões ocorrem na residência comum. A agressão mais frequente são os maus-tratos psíquicos, a vítima é inferiorizada e são postas em dúvida as suas capacidades.



– Qual a explicação para que 40% dos agressores sejam os filhos?

– Em grande parte o desemprego, a dependência de sub-

stâncias ou a existência de relações com atritos, o que não quer dizer que todos os filhos com essas características sejam agressores.

– O que pode ser feito para combater a violência contra os idosos?

– Tem de existir um programa articulado com as várias entidades, tal como tem vindo a acontecer com a mulher e a criança. É necessária uma consciencialização para os direitos dos idosos. ● J.S./J.T.



Dados do Relatório do Gabinete de Apoio à Vítima relativos ao ano de 2016

78,5% das vítimas de violência doméstica nos Açores continua a ser mulheres casadas

A maioria das vítimas de maus-tratos físicos e psicológicos continua a ser mulheres, casadas, que ao longo dos anos sofreram em silêncio até que um dia, não podendo mais suportar o sofrimento, procuram ajuda para o seu problema. A maior parte das denúncias são feitas por telefone e todos os casos estão referenciados pela PSP.

56% são vítimas de crimes continuados com a duração de 2 a 6 anos...

No que diz respeito ao ano de 2016, o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Ponta Delgada registou um total de 496 processos e 442 vítimas directas de 796 crimes e outras formas de violência.

Relativamente aos crimes e outras formas de violência registados, de acordo com o relatório divulgado ontem, o destaque vai para os Crimes Contra as Pessoas, com uma dimensão de 94,1% face ao total. De entre estes, o destaque vai para os maus tratos físicos e maus tratos psíquicos (dentro do crime de Violência Doméstica), que representam cerca de 57%. Dos diversos tipos de apoio prestado pela GAV, o apoio jurídico foi o mais assinalado com mais de 50% dos registos.

A conexão entre este serviço, e outras entidades, é o espelho do trabalho de cooperação e multidisciplinaridade existente no trabalho diário da Associação, é referido no relatório divulgado.

Os números falam por si, mas a leitura que muitas vezes se faz é que não há mais violência, mas sim de que mais denúncia às entidades, mas esta realidade hoje, segundo os responsáveis de Apoio à Vítima é que importa, pois há uma maior visibilidade do problema e uma maior procura na sua resolução.

No Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, a Segurança Social foi a entidade que mais cooperou com a APAV, com um total de 23,5%. Nos contactos efectuados para a APAV, os contactos telefónicos (55,7%) e presenciais (33,5%), prevaleceram face aos restantes, no entanto os contactos via e-mail e redes sociais tem vindo a ganhar algum peso (7,5%). Os contactos efectuados para o GAV de Ponta Delgada são, maioritariamente, efectuado pelas vítimas (53,6%), seguindo-se



A maior parte das vítimas de violência doméstica reside no concelho de Ponta Delgada, seguindo-se o da Lagoa

os contactos de familiares (19,6%). No que diz respeito à forma como as pessoas chegam ao Gabinete, os encaminhamentos efectuados pela PSP foram de 25,5%, ao que se segue os amigos 7,6%, a comunicação social 1,6%, Polícia Judiciária 2% e a Segurança Social 0,6%, entre outras entidades. Do total de processos assinalados pelo Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, em 89,1% verificava-se a existência de crime. Dos 496 utentes assinalados pelo GAV de Ponta Delgada em 2016, 442 foram vítimas de crime, e de entre estas 78,5% eram do sexo feminino.

As faixas etárias mais referenciadas situavam-se entre os 35 e os 44 anos de idade (17,2%), seguindo-se a faixa entre os 25 e os 34 anos (10,4%) e finalmente a faixa etária entre os 45 e os 54 anos (9,7%). As vítimas casadas (35,5%) e solteiras (27,1%) foram os principais alvos dos autores de crime, pertencendo em cerca de 41,2% a uma família nuclear com filhos. As famílias monoparentais ainda representavam 12,4% do total de vítimas assinaladas.

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior (6,1%) e o en-

sino básico de 1º ciclo (5,7%).

No que diz respeito à actividade económica da vítima, cerca de 31% encontravam-se empregadas. No entanto um número ainda significativo encontrava-se numa situação de desemprego (17,4%). Das 442 vítimas, a maioria residiam no concelho de Ponta Delgada (45,9%), seguindo-se o concelho de Lagoa (10,9%), Ribeira Grande (9,3%), Vila Franca do Campo (4,1%), Vila do Porto (2,3%).

O relatório dá conta de que o contexto das relações de intimidade continua a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o promotor do crime. As relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-companheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 49,7% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime.

Cerca de 80% de crime registados/as pelo gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada em 2016, eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (30,8%). Tal como no caso das vítimas, também se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (37,5%), seguindo-se solteiro (11,5%). Em mais de 30% das situações, estavam na situação de empregados.

O tipo de vitimação continuada (56%), com uma duração entre 2 e 6 anos (12,1%) prevaleceu no ano de 2016. Em mais de 50% das situações, o local do crime mais referenciado em 2016 foi a residência comum, seguindo-se a residência da vítima (11,1%) e a seguir a via pública (8,6%) e o local de trabalho (2,9%). Das situações que chegaram ao gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada em 2016, 54% foram alvo de queixa numa entidade policial.

N.C.

Idosos denunciam cada vez mais cuidadores por violência psicológica e financeira

Cada vez mais há atenção para o que acontece com as pessoas mais velhas, aquelas que já contribuíram para a sociedade e agora, por motivos de saúde, na maioria dos casos, não consegue ser autónoma a diversos níveis. Para isso, num sociedade moderna, em que a maioria dos familiares trabalha, os mais velhos têm de ter cuidadores, que podem ser familiares ou não, que os ajudam quer seja na sua higiene pessoal, a fazer companhia, a tomar conta do lar e/ou simplesmente ir fazer as suas voltas, como pagar a luz ou a água. Mas também há seniores muito dependentes e são os cuidadores que tratam de tudo. Os cuidadores são mais uma valia mas nem tudo são rosas. Há casos que são denunciados às entidades competentes, nomeadamente à Associação de Apoio à Vítima porque há alguns que promovem a violência sobre as pessoas a seu cuidado, mas não se pense que são só os casos de violência física, porque felizmente estes casos ainda se contam pelos dedos, mas existem outros tipos de violência que fazem com que os idosos fiquem vulneráveis, como é o caso da violência psicológica e da violência financeira. A nível nacional, a APAV – Associação de Apoio à Vítima a maioria dos agressores são os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também os vizinhos (4,4%) e os netos (36%). Nos Açores não há números concretos mas já começam a aparecer muitas denúncias, porque as pessoas já têm consciência de que estes tipos de situações são crime e que não as têm de tolerar, na maioria das vezes porque são violentados na sua própria casa. Raquel Rebelo, coordenadora da APAV Açores, refere que os números aumentaram ao nível dos pedidos de ajuda, o que não quer dizer que haja um aumento do tipo de crime, isso é uma variável que a associação não tem acesso, uma vez



A violência financeira existe. Há cuidadores que deixam vulneráveis aqueles de quem tomam conta porque ficam com as reformas destes ou com quase todo o dinheiro

que existem “faixas negras”, ou seja as pessoas que não recorrem às instituições para pedir ajuda.

Em relação aos idosos, Raquel Rebelo diz que a percepção que a APAV tem é que a maioria dos idosos é vítima dos próprios familiares, que são normalmente os cuidadores dos mesmos. Não são só cuidadores de trato físico, como a higiene, são cuidadores que tratam de outros assuntos, nomeadamente os cuidados financeiros. Isto é, são pessoas que estão responsáveis pelas reformas e outras verbas, mas que muitas vezes os idosos ficam vulneráveis porque estes cuidadores ficam com o dinheiro, o que gera situações de alteração verbal chegando mesmo a haver violência psicológica sobre a pessoa que o cuidador tem a seu cuidado. A Violência Psicológica/Verbal é quando, segundo a APAV, a pessoa que cuida tem como objectivo provocar intencionalmente na pessoa idosa

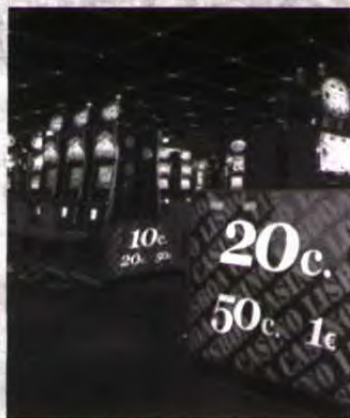
dor ou angústia, através de ameaças, humilhações ou intimidação de forma verbal ou não verbal, por exemplo, insultos, ameaças, humilhação, intimidação, isolamento social, proibição de actividades...

Importa salientar que, e tendo em conta os dados fornecidos pela APAV, os sinais de possível Violência Psicológica/Verbal contra os idosos, em geral são: A pessoa idosa encontra-se emocionalmente perturbada; Aparenta isolamento; Insónias; Medo das outras pessoas; Depressão não habitual; Manifesta uma recusa inexplicável em participar nas actividades normais; Depreciação e/ou ameaças por parte de membros da família.

Segundo a APAV, a violência Psicológica ou Verbal é a segunda causa mais comum de violência sobre as pessoas idosas, imediatamente a seguir à Negligência.

Nélia Câmara

Em poucas linhas



- ▶ Ao longo do mês de Maio, o Casino Lisboa distribuiu pelos seus frequentadores um total de 31.376.742 euros em prémios. Trata-se de um novo recorde absoluto de prémios pagos num único mês, desde a sua inauguração em Abril de 2006: uma média diária superior a um milhão de euros, entre 'slot machines' e áreas reservadas ao jogo.
- ▶ Investigadores do Porto conseguiram determinar o funcionamento do mecanismo que inicia a separação dos cromossomas quando as células se dividem, o que pode vir a permitir controlar erros na divisão celular que estão na origem do cancro.
- ▶ A Fundação Calouste Gulbenkian está a ponderar a entrada de grupos internacionais, com interesses no Médio Oriente, na petrolífera Partex, de que detém actualmente a totalidade do capital. Fonte oficial da Fundação confirmou que "tem havido contactos com grupos internacionais, com interesses no Médio Oriente, no sentido de se estudarem eventuais parcerias".



- ▶ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados agora divulgados pela associação. Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%). ■

DIA 15 DE JUNHO

Seja uma voz ativa no combate à violência na pessoa idosa

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), estima-se que em 2020, 20% da população Europeia tenha 65 ou mais anos de idade (1). Este fenómeno carrega problemáticas sociais, nomeadamente a violência na pessoa idosa que é muitas vezes escondida.

No dia 15 de junho, assinalou-se o Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosas com o intuito de consciencializar a comunidade sobre as mais diversas formas de violência a que as pessoas idosas estão sujeitas, não só no seu domicílio mas também em instituições e/ou espaços públicos. Assim, há que ter em conta alguns fatores de risco que podem levar a situações de maior vulnerabilidade nomeadamente relações familiares complicadas, nas quais exista stresse e sobrecarga por parte dos cuidadores; a dependência no cuidador, havendo mui-

tas vezes conflitos relacionados com o alojamento e o apoio financeiro; o isolamento social e, por último, fatores culturais e socioeconómicos tais como a imagem das pessoas idosas como sendo mais frágeis, fracas e dependentes (2).

Tendo presente os principais fatores de risco de violência nesta faixa etária, podemos distinguir vários tipos de violência: violência física, violência psicológica e/ou verbal, violência sexual, negligência e abandono, violência financeira/económica e violência doméstica. Porém, existem diversas razões que levam, muitas vezes, a pessoa idosa a não denunciar o ato de violência contra ela, mantendo-se em silêncio, nomeadamente a perda de memória, o isolamento, o sentimento de culpa e/ou vergonha, a falta de conhecimento sobre os seus direitos, a dependência do seu agressor, a existência de chantagem emocional ou até a aceitação da violência como sendo uma realidade

normal.

Deste modo, é importante não só alertar para esta realidade como também intervir, adotando medidas preventivas capazes de contrariar esta problemática, tais como (1):

- Manter a rede de suporte social, convidando amigos a visitá-lo com frequência e participando em atividades da comunidade;
- Sempre que possível, não divulgar os seus contactos pessoais;
- Ter cuidado ao assinar documentos e, em caso de dúvida, pedir aconselhamento a alguém de confiança;
- Não realizar negócios por telefone, a menos que tenha sido por iniciativa própria;
- Não transportar grandes quantias de dinheiro (ou joias) sendo que, caso necessite de o fazer, distribuir o mesmo por diferentes bolsos;
- Não abrir a porta a pessoas desconhecidas;
- Andar em ruas bem iluminadas e movimentadas;

- Não ter vergonha de conversar com alguém de confiança se sentir que pode ser vítima de violência;

- Ter gravado no telemóvel ou noutra local de fácil acesso, o número de alguém de confiança e o contacto de emergência (112);

Caso seja vítima de violência ou conheça alguém que possa ser, quebre o silêncio. Uma voz ativa é o primeiro passo para o combate à violência na pessoa idosa.

(1) Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência Contra as Pessoas Idosas [Internet]: [cited 23-05-2017]; Available from: http://www.apav.pt/apav_v3/index.php/pt/iii-dia-internacional-de-sensibilizacao-sobre-a-prevencao-da-violencia-contra-as-pessoas-idosas;

(2) World Health Organization (WHO). Abuse of the elderly. 2002.

Ana Pereira e António Martins

Estudantes do 3.º ano do curso de Licenciatura em Gerontologia da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro

**CONSULTÓRIO JURÍDICO****ÂNGELA FIGUEIREDO SANTOS**

Advogada

CRIMES CONTRA IDOSOS

Segundo a recente divulgação da APAV, entre 2013 e 2016, registou-se um aumento de 30% de crimes contra idosos, sendo as mulheres as principais vítimas.

A violência contra as pessoas idosas pode ter várias formas e implicar a prática de vários crimes.

Considera-se Violência Física qualquer comportamento que implique agressão física, por exemplo, crimes de ofensa à integridade física, maus tratos físicos, sequestro, intervenções e tratamentos médicos arbitrários.

No que concerne à Violência Psicológica/Verbal, esta forma de violência acontece sempre que o agente provoca intencionalmente na pessoa idosa dor, angústia através de ameaças, humilhações ou intimidação de forma verbal ou não verbal, por exemplo, insultos, ameaças, humilhação, intimidação, isolamento social e proibição de atividades.

Quanto à Violência Sexual praticada contra a pessoa idosa, é uma forma de violência na qual o agressor abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, sendo induzida ou obrigada a práticas sexuais com ou sem violência.

Estamos perante a Negligência e Abandono quando se vislumbra qualquer ato de omissão de auxílio do responsável pela pessoa idosa em providenciar as necessidades básicas, necessárias à sua sobrevivência, por exemplo, o crime de omissão de auxílio e não providenciar acesso a cuidados de saúde.

Qualquer prática que visa a apropriação ilícita do património de uma pessoa idosa, normalmente realizada por familiares, profissionais e instituições constitui um crime de natureza financeira/económica.

Por fim, infligir, de forma continuada ou não, maus tratos físicos ou psíquicos, a pessoa particularmente indefesa em razão da sua idade ou dependência económica que consigo coabite, por exemplo, castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais são práticas que integram o crime de Violência Doméstica, sendo este um crime público e, por tal, qualquer pessoa que saiba ou suspeite que uma pessoa idosa está a ser vítima deste crime tem a obrigação de denunciar.

De forma a invertermos o significativo aumento de crimes praticados contra idosos, a sociedade tem o dever de trabalhar de forma articulada entre as várias entidades da justiça, saúde e segurança social e as organizações que apoiam estas vítimas.



CRÓNICA

POR **CAPICUA** / Rapper

A mulher do fim do mundo



Ser mulher em grande parte do mundo é muito duro. Ser mulher negra, pior. Pobre, ainda por cima. Tê-la viva-da-silva, num palco, aos oitenta e seis anos, cantando com o mesmo poder subterrâneo, com a mesma majestade inabalável, é uma prova de Resistência (com erre grande)

A primeira vez que ouvi a sua voz fiquei estarelecida. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantava ela, num misto de ironia, renúncia e sublevação. Canção-baque, a cada frase, saída das profundezas da sua garganta como de uma ferida aberta, que dói a cada vogal estendida. Era Elza Soares. Com o tempo, fui descobrindo mais canções e percebendo que aquela mulher-fraga cantava com a crueza da vida, na dose que a viveu.

Nasceu no “planeta fome” e, aos vinte um anos de idade, já era viúva, já tinha perdido dois filhos e já tinha outros cinco para criar. Ganhou e perdeu mais filhos depois disso. Um deles por sequestro. Viu morrer a mãe tragicamente e depois o amor da sua vida. O mesmo que lhe bateu durante anos. Trabalhou sempre muito e foi cantando, quando podia, para sobreviver (em todos os sentidos).

Ser mulher em grande parte do mundo é muito duro. Ser mulher negra, pior. Pobre, ainda por cima. Tê-la viva-da-silva, num palco, aos oitenta e seis anos, cantando com o mesmo poder subterrâneo, com a mesma majestade inabalável, é uma prova de Resistência (com erre grande). Sobretudo porque não foi um concerto de celebração de carreira, alimentado a êxitos do passado. Foi concerto de disco novo, muito aclamado, pelo risco, pela frescura, pela ousadia.

A Mulher do Fim do Mundo é o álbum que faz jus à sua particularidade. É belo e estranho como a flor do maracujá e tem a grande virtude de, tal como Elza, viver no limbo. É uma espécie de equilíbrio entre o grotesco e o sublime, entre a treva e a elevação, entre o lixo e o éter. Com noise e samba, choro e punk, tradição e experimentalismo.

No palco, aparece sentada num trono revestido a sacos de plástico, cantando como sempre cantou, com o microfone nas entranhas. Pede gritos, manda beijinhos e reafirma que quer “cantar até ao fim”, não perdendo a oportunidade de falar sobre a violência contra as mulheres, especialmente através do tema *Maria da Vila Matilde*. Incita à denúncia, divulga o número de telefone da APAV e pede que cantemos juntas “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”. É sororidade, é ativismo, mas é também justiça poética, por todos os anos que viveu com Garrincha, sem poder acusá-lo publicamente de violência doméstica.

No Brasil, os números são assustadores, a cada sete minutos há uma denúncia de violência de género, a taxa de feminicídios é a quinta maior no mundo e, no caso dos homicídios de mulheres negras, o crescimento ultrapassou os 50% só na última década. Mas ainda mais terrível é a estatística da violência contra a população LGBT, em que o Brasil se destaca como o país do mundo onde mais se mata gays, lésbicas, crossdressers e transexuais, tendo registado sozinho 42% de todos os homicídios de pessoas trans no ano de 2015!

(E falando de outra diva) é por estas e por outras que para ser Liniker Barros é preciso muita coragem. Ser mulher (nascida em corpo de homem), negra e trans, orgulhosa no palco, afirmando a sua identidade, e celebrando, com música, todo o atrevimento, é honrar o legado de Elza, subir a fasquia das liberdades e “sambar na cara” do patriarcado graciosa e implacavelmente.

Mais um concerto inspirador, que demonstra a vitalidade da música brasileira e o nosso privilégio de partilhar a mesma língua e entender tudo o que é cantado, sem perder pitada na tradução. Liniker é uma jovem cantora, que faz jus à tradição da música negra, sobretudo pela sua atitude-diva e pela festa de arromba que faz questão de atear. Mas, para lá da música, o que retiro do seu concerto na Casa da Música, tal como da lição de Elza Soares no Coliseu de Lisboa, é a carga política que vibra na sua (simples e concreta) existência, toda a coragem e exemplo de Resistência.

E é por isso que hoje subo ao palco paramentada de Elza, desejando que Nossa Senhora do Fim do Mundo nos dê força para a luta, até que viver na Terra seja menos hostil para as mulheres! ■■



citações

"Ponho as mãos no fogo por Cristiano"

Fernando Santos, selecionador nacional, sobre a acusação de fuga ao Fisco em Espanha, in Correio da Manhã

"Luísa Salgueiro, dita a cigana e não é só pelo aspecto, paga os favores que recebe com votos alinhados com os centralistas"

Manuel Santos, eurodeputado do PS, sobre a deputada do PS Luísa Salgueiro, in Twitter

"A Judite Sousa quis matar saudades dos tempos em que tropeçava em corpos no Ruanda e fez uma reportagem com um cadáver ao lado. É abrirem um Hotel de Charme em Pedrógão Grande que ela vai ser a primeira cliente"

Guilherme Duarte in blogue Por Falar Noutra Coisa

"Os cidadãos comuns têm todo o direito e devem se sentir lesados e muito revoltados com esta gente que se faz passar por modelos de digna e honrosa virtude mas que, desgraçadamente, acabam por servir de maus exemplos a todos aqueles que os admiram"

Maria Vieira, sobre as alegadas dívidas ao Fisco de Cristiano Ronaldo e Messi, in Facebook

"Portugal protege as vítimas de violência doméstica, mas não as outras"

João Lázaro, presidente do Instituto Português de Apoio à Víctima (APAV), in Notícias ao Minuto

"Havia a suspeita de que Trump foi eleito com a ajuda dos russos. Agora, há a suspeita de que tenta encobrir isso. É uma luz de esperança ao fundo do túnel [para o impeachment]"

Miguel Sousa Tavares in Expresso

"[Pedro Santana Lopes] um péssimo gestor e um péssimo presidente. Uma pessoa instável que, de futebol, só sabia o que fazia nos comentários na televisão à segunda-feira. Ele pensava que era a mesma coisa, que bastava fazer o que fazia na TV"

Carlos Queiroz in Expresso

"É óbvio que, se Ronaldo teve o seu staff financeiro a fugir ao Fisco, será forçado a devolver a verba que foi ocultada. Mas, neste processo, onde obviamente Ronaldo não terá participado de forma consciente, alguém terá de fazer o papel do pai de Messi"

Octávio Ribeiro in Correio da Manhã

"Apaziguamos a alma com donativos. Vemos o Presidente da República desculpar toda a gente ainda antes de saber o que aconteceu. Distribuimos afectos. Publicamos decretos. Escrevemos textos bonitos sobre dor e lágrimas.

Mas após o Verão vem o Inverno e ninguém mexe uma palha"

João Miguel Tavares in Público

"Mais do que aparições para ficar bem na fotografia, tem havido uma presença constante, efetiva e solidária no terreno de muitos

dos nossos líderes atuais, interessando-se e interagindo com os responsáveis pelos combates no terreno"

Manuel Serrão in Jornal de Notícias

"Porque é patético viver num país onde ninguém se demite depois de uma tragédia desta dimensão. Porque é triste viver num país liderado por um Presidente que coloca sempre os seus abraçinhos à frente de qualquer outra coisa. É obscuro ouvir o Presidente dizer 'fez-se o que era possível fazer' após 64 mortes provocadas pelo fenómeno mais previsível e estudado de Portugal"

Henrique Raposo in Expresso

"Marcelo Rebelo de Sousa tem sido um excelente presidente da república e tem-se excedido até a ele próprio (...) É preciso sentimento. É preciso disponibilidade. É preciso exposição. É preciso pôr-se a jeito, arriscar-se a cometer erros, ser corajoso e estar sempre lá, nos lugares onde pode realmente ajudar"

Miguel Esteves Cardoso in Público

"Por vezes, há pessoas com excesso de voluntarismo

que podem querer empenhar-se sem ter qualquer tipo de enquadramento"

Constança Urbano Sousa, ministra da Administração Interna, sobre a recusa do contingente de bombeiros galegos, in Jornal de Notícias

"Fumei umas ervazinhas mas nunca fui de grandes excessos.

Mas, como era muito magro, achavam que eu consumia cocaína"

Francisco Ibérico Nogueira in Sábado

"[O incêndio] teve mão criminosa (...) Tenho essa convicção. Tenho para mim, convictamente, que a trovoadra foi bastante mais tarde que o início do incêndio"

Jaime Marta Soares, presidente da Liga dos Bombeiros, in TSF



"A culpa não pode morrer solteira, e não basta um Presidente da República dar beijinhos no dói-dói, e dizer que não há nada a fazer,,

Hélder Amaral, deputado do CDS, sobre a tragédia em Pedrógão Grande, in Facebook

VIOLÊNCIA

APAV regista aumento de 30% de idosos vítimas de violência em quatro anos

Maioria das situações denunciadas por terceiros

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados divulgados pela associação.

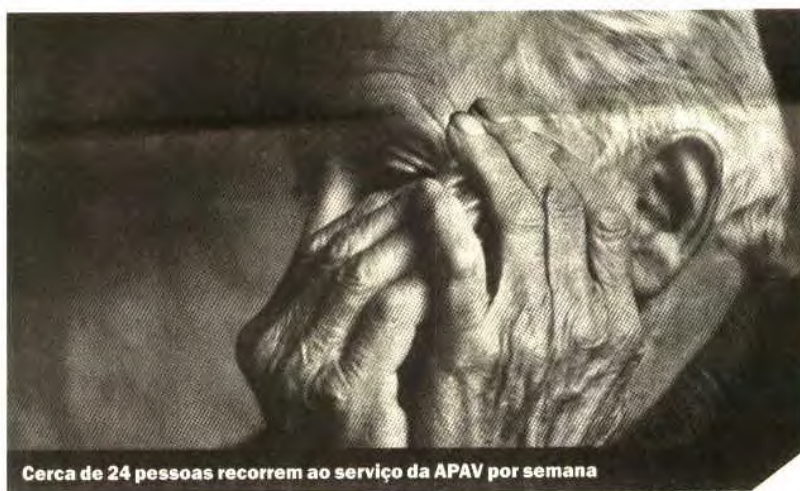
Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475 – 941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) –, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos.

“São cerca de 24 pessoas idosas que recorreram aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade” que os apoia, disse à agência Lusa Maria Oliveira, técnica da APAV.

Contudo, a associação refere que estes dados “ainda são uma amostra daquilo que acontece na sociedade”, havendo ainda “um grande trabalho a fazer de sensibilização e proteção dos direitos das pessoas idosas”, defendeu Maria Oliveira.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5%), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8%), casadas (42,8%) e a viverem numa família nuclear com filhos (31,7%), o que faz com que a maioria das situa-



Cerca de 24 pessoas recorrem ao serviço da APAV por semana

DIREITOS RESERVADOS

ções de violência aconteça em casa (48,9%).

Das 1.009 vítimas registadas em 2016, contra 774 em 2013, 679 tinham idades entre os 65 e os 79 anos (67,4%) e 330 tinham entre 80 e mais de 90 anos (32,6%).

O número de agressores contabilizados neste período, ultrapassou o de vítimas (3.612), ascendendo aos 3.782, sendo na maioria homens (68,2%), com idades entre os 65 e os 74 anos, reformados (21%) e desempregados (19%).

O tipo de vitimação continuada, com uma duração entre dois e seis anos (8,7%), prevaleceu em 2016. Contudo, houve 45 vítimas (4,3%) que sofriam situações de violência há mais de 40 anos.

“É uma amostra significativa, que é preocupante, porque estamos a falar de relações de conjugalidade que perduram ao longo de muitos anos”, disse Maria Oliveira.

Muitas destas situações acabam por ser denunciadas “por terceiros”, como profissionais de saúde ou familiares diretos, mas também pela vítima, que já não consegue suportar mais a violência física e verbal.

Em 2016 foram registados 717 casos de maus-tratos psicológicos (30,1%), 442 de maus-tratos psicológicos (19%) e 281 de ameaças/coação (12,1%).

Estes números demonstram que as situações de violência em contexto familiar “não acarretam necessariamente a violência física, mas muitas vezes a psicológica”, explicou Maria Oliveira.

Há expressões de preconceito como “já não prestas”, “raça da velha”, que “muitas vezes ouvimos em relação à velhice, ao envelhecimento” e ao próprio idoso, que constituem uma violação de direitos humanos.

“Cada vez mais há uma violação constante dos direitos das pessoas idosas quer a nível da sua autonomia, quer na sua capacidade de decisão”, e “situações de violência e de crime” que “não podem voltar a acontecer”.

Para isso, defendeu, tem que ser feito um trabalho de forma articulada entre as várias entidades da justiça, saúde e segurança social e as organizações que apoiam estas vítimas. ■



FRASES



“Eu transmito a minha proximidade ao querido povo português, atingido por um incêndio devastador que causou mortes, feridos e destruição”

Francisco,
Papa



“Infelizmente, esta é seguramente a maior tragédia de vidas humanas [Pedrógão Grande] que temos conhecimento nos últimos anos em Portugal numa situação de incêndios florestais”

António Costa,
primeiro-ministro



“Os índices de criminalidade em Portugal são baixos. Ainda bem que são baixos, mas isso é mais uma razão para tratarmos melhor as nossas vítimas”

João Lázaro,
presidente do Instituto Português de Apoio à Víctima
– Notícias ao Minuto



AGENDA

HOJE

CASTELO BRANCO

Caminhada Força Aérea

Inscrições decorrem até quarta-feira.

AMANHÃ

PSP

'Verão Seguro'

Prossegue operação.

APAV

Academia de Psicologia

Inscrições até 14 de julho.

VAI ACONTECER:

Informe agenda@cmjornal.pt



ID: 70169425

28-06-2017

LISBOA**PINTORA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOA QUADRO**

A pintora Francisca Magalhães Barros (esq.) doou ontem à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) um quadro da sua autoria - 'As Mulheres e a Liberdade', que irá ficar exposto na sede da associação, em Lisboa. A pintora, que já foi vítima de violência doméstica, pretende alertar para a realidade de inúmeras vítimas.





Nos próximos dias...

APAV Açores assinala 10º aniversário com seminário em Ponta Delgada



A APAV Açores comemora o seu 10º aniversário no dia 1 de Julho. No âmbito das comemorações, vai ser promovido no dia 30 de Junho, às 10h30, o seminário "APAV Açores, 10 Anos a Dar Voz ao Silêncio". O seminário terá lugar no Auditório do Edifício CTT, em Ponta Delgada.

Leituras dramatizadas hoje no Teatro Micaelense



Realiza-se hoje mais uma sessão da iniciativa "Leituras Dramatizadas", no Teatro Micaelense. Desta feita, a obra escolhida é *A porta fechou-se e a casa era pequena*, de Ricardo Neves-Neves, diplomado em Teatro-Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema e fundador do Teatro do Elétrico.



Associação de Apoio à Vítima comemora 10 anos com seminário

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima Açores comemora o seu 10º aniversário no dia 1 de Julho. No âmbito das comemorações, vai ser promovido no dia 30 de Junho, às 10h30, o seminário "APAV Açores, 19 Anos a Dar Voz ao Silêncio".

O seminário terá lugar no Auditório do Edifício CTT (rua Antero de Quental, nº 9, Piso 4, Ponta Delgada) e pretende olhar para o trabalho desenvolvido pela APAV nos Açores ao longo destes 10 anos, traçando o caminho para o futuro.



Pedidos de apoio de vítimas à APAV nos Açores têm aumentado



A delegação dos Açores da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aponta para um aumento do número de pedidos de apoio por parte de vítimas à instituição.

Segundo a gestora da instituição, as vítimas de violência doméstica são aquelas que "maioritariamente solicitam" os serviços da APAV.

A APAV nos Açores, que completa este Sábado 10 anos de existência, realiza na sexta-feira o seminário "APAV Açores, 10 anos a dar voz ao silêncio", no auditório do Edifício CTT, em Ponta Delgada.

Alargar o apoio a mais ilhas da Região e criar mecanismos de apoio às vítimas através da Internet são as principais aspirações da delegação, uma vez que o auxílio prestado a vítimas de crime resi-

dentos fora de São Miguel é feito "através de contacto telefónico e 'email'".

"Gostaríamos de conseguir uma maior proximidade a estas vítimas", assumiu Sílvia Branco, manifestando o desejo de estender os serviços da APAV a outras ilhas, através da abertura de mais espaços ou, em alternativa, criar um apoio mais personalizado à distância, via Internet.

Segundo as estatísticas da APAV/Açores, em 2015, por exemplo, foram registados 613 processos de apoio num total de 494 vítimas directas, assinalando-se 910 crimes ou outras formas de violência. No mesmo ano, houve um total de 2.468 atendimentos e os crimes contra as pessoas representaram 94,3% do total de registos na associação, nomeadamente a violência doméstica (79,2%), mas há

a assinalar, também, crimes fora desta categoria, como o dano (1,1%) e 'stalking'/ assédio persistente (1,5%).

No que diz respeito a 2016, o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, registou 496 processos de apoio e 442 vítimas directas de 796 crimes e outras formas de violência.

No que toca aos crimes registados, "o destaque vai para os crimes contra as pessoas, com uma dimensão de 94,1% face ao total. De entre estes, o destaque vai para os maus-tratos físicos e os maus-tratos psíquicos, que representam cerca de 57%", indicam os dados.

Segundo Sílvia Branco, a maioria das vítimas que pede ajuda é mulher e solicita apoio devido a violência doméstica, mas as situações relacionadas com homens começam a ser "mais sinalizadas".

"Temos desde 2010 um projecto com o Comando Regional da PSP nos Açores em termos de referenciação, o que significa que quando as vítimas vão apresentar queixa podem beneficiar do nosso apoio, desde que dêem o seu consentimento", referiu, acrescentando que este projeto nas esquadras de Ponta Delgada e da Lagoa permite, também, esclarecer os cidadãos sobre o apoio que a APAV presta. Existe ainda um sistema de referenciação junto da Polícia Judiciária para vítimas de crimes de cariz sexual.

Segundo a responsável, durante uma década a APAV tem apostado na proximidade à população para que esta tome "conhecimento dos seus direitos e da forma como os pode reivindicar", promovendo ainda formação junto de alunos, técnicos e profissionais.



APAV Açores assinala aniversário com seminário “10 Anos a Dar Voz ao Silêncio”

Regional AÇORES » 26 de Junho de 2017



No âmbito das comemorações do seu 10º aniversário, que se assinala dia 1 de Julho, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove no próximo dia 30 de Junho, às 10h30, o seminário “APAV Açores, 10 Anos a Dar Voz ao Silêncio”.

O seminário terá lugar no Auditório do Edifício CTT, em Ponta Delgada, e pretende olhar para o trabalho desenvolvido pela APAV nos Açores ao longo destes 10 anos, “traçando o caminho para o futuro”.

A APAV é uma instituição particular de solidariedade social, de utilidade pública, que tem como objectivo estatutário promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais.

Na sua missão a APAV promove a mensagem “que cada um de nós pode ser, num dado momento da vida, vítima de um crime. O impacto do crime na vida da vítima pode ser tremendo e avassalador, dependendo de cada pessoa, do tipo de crime, das suas circunstâncias. Cada pessoa reage à experiência de ser vítima de crime de forma diferente: enquanto uns conseguem reagir e lidar com isso, prosseguindo a sua vida normal sem que a vitimação os afete; muitas pessoas sofrem um grande impacto negativo nas suas vidas. Não existe uma maneira “correta” ou “certa” de se reagir ao crime – os sentimentos e as suas emoções após o crime são reações normais a um acontecimento, esse sim, nada normal – ser vítima de um crime”, centrando-se a génese da Associação no “ouvir, aconselhar e apoiar a vítima de qualquer crime a lidar com os efeitos e consequências do crime. Tenha ou não participado o crime às autoridades, informando e aconselhando sobre direitos e como exercê-los”.

Os serviços de apoio prestados a cada vítima são gratuitos e confidenciais.



APAV/Açores quer alargar apoio a mais ilhas

A delegação dos Açores da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) comemora no sábado dez anos com o sonho de alargar o apoio a mais ilhas do arquipélago e criar mecanismos de apoio às vítimas através da Internet. “Os pedidos de apoio das vítimas têm aumentado. A nível estatístico, são as vítimas de violência doméstica aquelas que maioritariamente solicitam os nossos serviços”, afirmou Sílvia Branco, gestora da APAV/Açores, em declarações à agência Lusa.

Disponibilizando apoio a nível social, psicológico e jurídico, a APAV nos Açores está instalada em São Miguel, mas presta auxílio a vítimas de crime residentes noutras ilhas “através de contacto telefónico e ‘email’”.

“Contudo, gostaríamos de conseguir uma maior proximidade a estas vítimas”, assumiu Sílvia Branco, manifestando o desejo de estender os serviços da APAV a outras ilhas, através da abertura de mais espaços ou, em alternativa, criar um apoio mais personalizado à distância, via Internet.

Segundo as estatísticas da APAV/Açores, em 2015, por exemplo, foram registados 613 processos de apoio num total de 494 vítimas diretas, assinalando-se 910 crimes ou outras formas de violência.

Nesse ano, houve um total de 2.468 atendimentos e os crimes contra as pessoas representaram 94,3% do total de registos na associação, nomeadamente a violência doméstica (79,2%), mas há a assinalar, também, crimes fora desta categoria, como o dano (1,1%) e ‘stalking’/assédio persistente (1,5%).

No que diz respeito a 2016, o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, registou 496 processos de apoio e 442 vítimas diretas de 796 crimes e outras formas de violência.

“Relativamente aos crimes registados, o destaque vai para os crimes contra as pessoas, com uma dimensão de 94,1% face ao total. De entre estes, o destaque vai para os maus-tratos físicos e os maus-tratos psíquicos, que representam cerca de 57%”, indicam os dados.

Segundo Sílvia Branco, a maioria das vítimas que pede ajuda é mulher e solicita apoio devido a violência doméstica, mas as situações relacionadas com homens começam a ser “mais sinalizadas”. ♦ LUSA



Dia Int. Mulher

Nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, a União das Freguesias de Ramada e de Caneças realizou várias iniciativas, todas elas com grande sucesso:

Dia 8 de Março - Distribuição de pequenas lembranças às mulheres da Ramada e de Caneças.

Dia 10 de Março - Ação de sensibilização contra a violência doméstica com a participação da APAV e da PSP.

Dia 11 de Março - Ação de sensibilização contra a violência doméstica, com a participação da PSP. - Pequeno workshop de introdução a técnicas de defesa pessoal, com o apoio dos Bombeiros Voluntários de Caneças, do Mestre Paulo Ferreira e do Sensei Alfredo Henriques.



"Portugal protege as vítimas de violência doméstica, mas não as outras"

O presidente da APAV traça, em entrevista ao Vozes ao Minuto, o perfil do país no que toca à violência. Com o foco na violência doméstica, falta a Portugal "uma estratégia relativamente às outras vítimas", olhadas como "queixosas que estão no sistema", considera João Lázaro.



Há, hoje em dia, um maior conhecimento do fenómeno da violência doméstica motivado por uma maior intolerância desenvolvida pela sociedade. Mas a expressão 'entre marido e mulher não se mete a colher' ainda está enraizada na cabeça dos portugueses.

2023

Em entrevista ao **Notícias ao Minuto**, o presidente do Instituto Português de Apoio à Vítima (APAV) aponta falhas, dá conselhos e tira conclusões sobre a vitimação. "Vítimas que não sofrem de violência doméstica são menos protegidas, são queixosas que estão no sistema", admite João Lázaro, convicto de que há mais homens vítimas de violência do que casos conhecidos. A culpa é da "vergonha" e do "estigma social".

Além de presidente da APAV, é presidente do Victim Support Europe. Há um padrão de violência na Europa?

Na Europa há 75 milhões de vítimas de crime e o grande desafio é que todas elas sejam consideradas como tal. Isso é primordial, porque, independentemente do crime, há direitos que são básicos e que todas as vítimas devem ter: o direito à informação, à proteção e à indemnização. Conforme as dimensões dos fenómenos criminais e a importância que cada sociedade lhe dá, é preciso haver uma certa discriminação positiva face às necessidades. Porque as necessidades de uma vítima de furto satisfazem-se mais facilmente do que as de uma vítima de violência sexual ou terrorismo.

Os dados sobre violência em Portugal seguem o padrão europeu?

Em Portugal, para o sistema, as vítimas de crime são sobretudo as vítimas de violência doméstica (essencialmente mulheres e crianças). As outras vítimas são muito menos protegidas e consideradas, são queixosas que estão no sistema. Em relação à violência doméstica há políticas públicas e privadas, há todo um esforço nacional que tem vindo a ser feito e que é de regime, no sentido de, independentemente de cada governo e das suas opções, as apostas serem transversais. Relativamente às outras vítimas, não existe uma estratégia, não existem políticas públicas. E as tentativas que há são mal informadas.

Índices de criminalidade em Portugal são baixos, mais uma razão para tratarmos melhor as nossas vítimas

Fazem falta políticas a pensar nas outras vítimas que não as de violência doméstica?

Claramente que sim, em todo o tipo de crimes. Por exemplo, não faz sentido que uma vítima filha de alguém que tenha sido assassinado não seja protegida e tenha de conviver nos corredores do tribunal com o assassino. Esta proteção está prevista para as vítimas de violência doméstica (não quer dizer que se concretize) e não para as vítimas de homicídio. Existe falta de sensibilidade, não há uma visão intersetorial para a questão da vitimação e apoio à vítima. Preferimos muitas vezes refugiar-nos no discurso mais confortável de como os índices de criminalidade em Portugal são baixos. Ainda bem que são baixos, mas isso é mais uma razão para tratarmos melhor as nossas vítimas.

Todos os anos há mulheres a morrer às mãos dos maridos. A violência doméstica tem vindo a aumentar ou a maior visibilidade deriva de uma maior mediatização?

Um dos grandes ganhos civilizacionais da sociedade portuguesa é a forma como criámos mecanismos de controlo e intolerância relativamente à violência doméstica. A violência doméstica saiu das quatro paredes. Com isto, as vítimas saem mais cedo da violência e todo o clima de intolerância orienta no sentido da denúncia. Daí que haja um cada vez maior conhecimento do fenómeno da violência doméstica.

Regra geral, o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) faz leituras precipitadas ([ocorrências de violência doméstica aumentaram 2% em 2016](#)). Devia ser feito um estudo mais académico das tendências do RASI para não virem nem os decisores políticos nem os policiais dizer que, por terem descido 100 casos de um ano para o outro, há uma estratégia que foi começada por eles e está a dar resultados. O mais relevante é ver as falhas.

Homens vítimas: Sociedade liga a vitimação a uma menor virilidade

A expressão 'entre marido e mulher não se mete a colher' ainda está enraizada na cabeça dos portugueses?

Claramente que sim. A batalha ainda não está ganha, mas há sinais positivos de um percurso civilizacional que está a ser feito. Existe um claro investimento em políticas públicas e a questão da violência doméstica é colocada na agenda mediática e política pelas organizações da sociedade civil.

A violência doméstica é vista como um crime de género, mas há homens que também são vítimas. Há poucos casos conhecidos porque o número é residual ou por vergonha dos homens em denunciar os crimes?

Eu diria que são as duas coisas. Há um maior estigma social e pessoal sobre um homem que é vítima de violência doméstica, o que tem a ver com a forma como olhamos para o papel masculino. A vergonha e o estigma são preponderantes devido à incompreensão social e à tendência para ligar a vitimação a uma menor virilidade. Muitas vezes, quando existe violência no feminino sobre o masculino, toda a violência psicológica adquire uma importância maior. Tem a ver com as armas que cada um tem.

O que a APAV tem registado ao longo dos anos é um número crescente não só de homens que pedem apoio como de apelos de cidadãos por uma intervenção mais veemente. O número de vítimas masculinas que conhecemos é muito menor do que a realidade, mas ainda assim não é comparável ao número de vítimas femininas. Há que ter em conta, ainda, que violência doméstica tem muitas outras dimensões. Tem na base uma questão de género, mas é muito mais do que isso. Há também violência entre pessoas do mesmo sexo, entre irmãos, entre pai e filho, entre filho e pai (a violência filio-parental é um fenómeno preocupante)...

É essencialmente o amor ou é o medo que leva as vítimas a sujeitar-se aos maus tratos dos parceiros?

É tudo isso. Nos anos de crise profunda, contrariamente ao que muitas pessoas diziam, o grande problema foi o aumento de situações policiais e o abaixamento do número de pessoas a receber apoio. Contrariamente ao salto civilizacional – cada um tem o direito a ser feliz –, as pessoas não sentiam que tinham condições a sair daquela situação. A pressão saudável da sociedade para o fazer e o facto de haver estruturas de acolhimento e apoio são importantes porque as pessoas precisam, mas o percurso não é fácil, de todo. Antes de mais, é um processo individual. E o processo é caracterizado pelo medo, pela esperança, mas também pelo amor. A questão financeira é tida em conta, mas não é impeditiva, porque muitas pessoas ficam com um orçamento menos restritivo para si e para os seus filhos depois de começarem a receber apoios sociais.

Que diferenças encontra nos pedidos de ajuda de vítimas adultas ou jovens?

Na violência no namoro, a questão do género não está tão vinculada como na violência doméstica. Eu diria que o grande desafio da próxima geração é saber como é que a actual situação de violência como modo normal de convivência vai contaminar relacionamentos na idade adulta.

O ciber é um novo meio de perpetrar crimes que sempre existiram

Os jovens têm dificuldade em perceber quando estão a ser vítimas de violência no namoro?

Algumas vezes, sim. Nós temos trabalhado em projetos na área da prevenção e sensibilização e entendemos que é importante no processo educacional a questão dos papéis e do que é ou não admissível, quer estejamos a falar de violência no namoro, quer estejamos a falar de violência sexual.

O que pode ser feito para que os jovens tomem consciência de que podem estar a ser vítimas de violência no namoro sem se dar conta?

Tem de haver uma abordagem mais estruturada da questão da violência na formação de jovens e educação para a não violência. A perspetiva tem de ser sempre numa grande aposta na prevenção e educação, sem prejuízo da intervenção. A abordagem tem de ser conjunta porque é claramente errado ter apenas uma visão pós-crime.

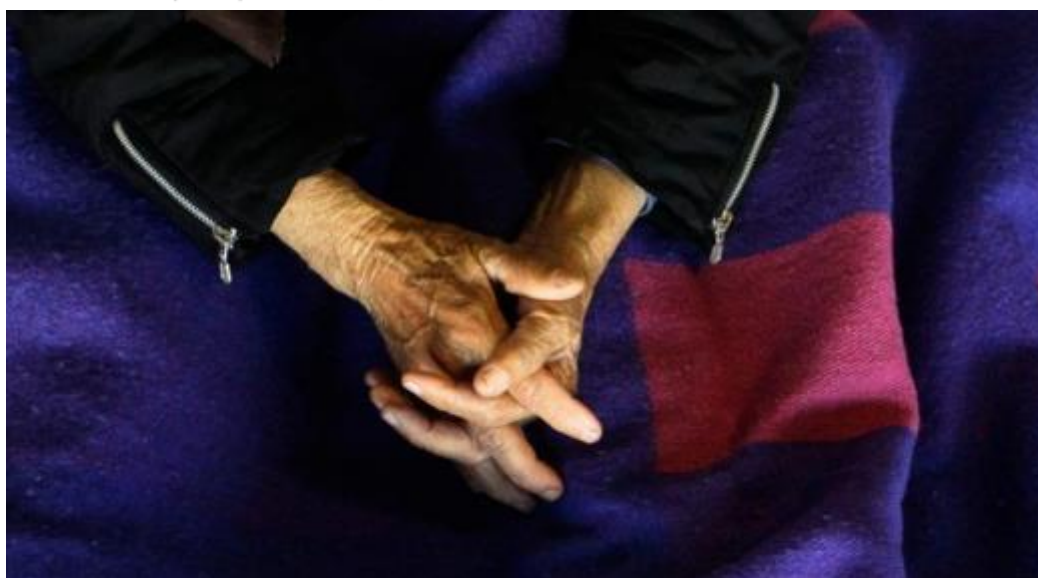
Surtem com frequência nas redes sociais vídeos de agressões brutais a jovens. Casos de violência sempre aconteceram com esta incidência ou estão agora mais expostos devido ao poder das redes sociais?

É uma pergunta que nos assalta e à qual não consigo responder. Considero que devia haver mais investigação académica, porque não se podem delinear planos de ação sem se ter conhecimento e esse conhecimento tem de passar sempre pela academia. O que posso dizer é que um dos grandes desafios na área do crime e do apoio é o cibercrime. Quando se fala em cibercrime pensa-se no furto de identidade ou nas fraudes bancárias, mas descure-se o ciber com um novo meio de perpetrar crimes que sempre existiram. O palco da socialização deixou de ser só o pátio da escola e passou a ser espaço das redes sociais. Daí haver palcos globais de vitimação secundária e ser mais difícil a ressocialização e reinserção.

APAV regista aumento de 30% de idosos vítimas de violência em quatro anos

14/6/2017, 6:35

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos.



Autor

Agência Lusa

Mais sobre

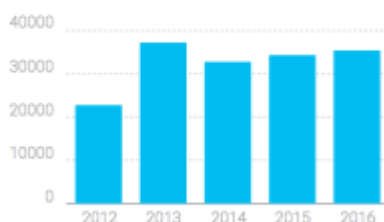
APAV
PAÍS
VIOLÊNCIA
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
SOCIEDADE
CRIME

A APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016, sendo as mulheres as principais vítimas, muitas delas a sofrerem em silêncio há mais de 40 anos, segundo dados hoje divulgados pela associação.

Os agressores são na maioria os filhos (39,6%), o cônjuge (26,5%), mas também há casos em que são os vizinhos (4,4%) e os netos (36%), adiantam os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelados na véspera do Dia Internacional de Sensibilização sobre a Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

ATUAÇÃO DA APAV

Número de atendimentos feitos pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



Fonte: APAV. Consultado em 03/26/2017. [Feedback?](#)

Entre 2013 e 2016, a APAV registou um aumento de 34% nos processos de apoio a idosos, que totalizaram 4.475 — 941 (2013), 1.068 (2014), 1.205 (2015) e 1.261 (2016) -, em que 3.612 foram vítimas de crime e de violência, valores que se traduziram em 8.578 factos criminosos.

“São cerca de 24 pessoas idosas que recorreram aos nossos serviços por semana, uma média de três pessoas por dia, o que demonstra que já reconhecem a associação como uma entidade” que os apoia, disse à agência Lusa Maria Oliveira, técnica da APAV.

Contudo, a associação refere que estes dados “ainda são uma amostra daquilo que acontece na sociedade”, havendo ainda “um grande trabalho a fazer de sensibilização e proteção dos direitos das pessoas idosas”, defendeu Maria Oliveira.

Na maioria, as vítimas são mulheres (79,5%), com idades entre os 65 e 69 anos (26,8%), casadas (42,8%) e a viverem numa família nuclear com filhos (31,7%), o que faz com que a maioria das situações de violência aconteça em casa (48,9%).

Das 1.009 vítimas registadas em 2016, contra 774 em 2013, 679 tinham idades entre os 65 e os 79 anos (67,4%) e 330 tinham entre 80 e mais de 90 anos (32,6%).

O número de agressores contabilizados neste período, ultrapassou o de vítimas (3.612), ascendendo aos 3.782, sendo na maioria homens (68,2%), com idades entre os 65 e os 74 anos, reformados (21%) e desempregados (19%).

O tipo de vitimação continuada, com uma duração entre dois e seis anos (8,7%), prevaleceu em 2016. Contudo, houve 45 vítimas (4,3%) que sofriam situações de violência há mais de 40 anos.

“É uma amostra significativa, que é preocupante, porque estamos a falar de relações de conjugalidade que perduram ao longo de muitos anos”, disse Maria Oliveira.

Muitas destas situações acabam por ser denunciadas “por terceiros”, como profissionais de saúde ou familiares diretos, mas também pela vítima, que já não consegue suportar mais a violência física e verbal.

Em 2016 foram registados 717 casos de maus-tratos psíquicos (30,1%), 442 de maus-tratos psicológicos (19%) e 281 de ameaças/coação (12,1%).

Estes números demonstram que as situações de violência em contexto familiar “não acarretam necessariamente a violência física, mas muitas vezes a psicológica”, explicou Maria Oliveira.

Há expressões de preconceito como “já não prestas”, “raça da velha”, que “muitas vezes ouvimos em relação à velhice, ao envelhecimento” e ao próprio idoso, que constituem uma violação de direitos humanos.

“Cada vez mais há uma violação constante dos direitos das pessoas idosas quer a nível da sua autonomia, quer na sua capacidade de decisão”, e “situações de violência e de crime” que “não podem voltar a acontecer”.

Para isso, defendeu, tem que ser feito um trabalho de forma articulada entre as várias entidades da justiça, saúde e segurança social e as organizações que apoiam estas vítimas.



**MINISTÉRIO PÚBLICO
PORTUGAL**

EM DEFESA DA LEGALIDADE DEMOCRÁTICA



PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE O DIAP DO PORTO E A APAV

2 jun 2017

No dia 2 de junho de 2017, pelas 11h, teve lugar na sede do DIAP do Porto, a assinatura de um **Protocolo de Cooperação** entre o Departamento de Investigação e Ação Penal do Porto e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Através dele visa-se enquadrar a cooperação institucional entre o DIAP do Porto e a APAV no âmbito dos direitos, proteção e apoio às vítimas de crime, numa perspetiva de reciprocidade de colaboração e complementaridade de intervenção junto destas.



**MINISTÉRIO
PÚBLICO
PORTUGAL**

20 junho | Dia Mundial do Refugiado



No dia 20 de Junho é assinalado **internacionalmente o Dia Mundial do Refugiado**. Esta é uma oportunidade para celebrar a força, a coragem e a perseverança das pessoas que foram forçadas a deixar as suas casas e os seus países por causa de guerras, perseguições e violações de Direitos Humanos.

Aliado a este fenómeno de mobilidade forçada, está também a prática de crimes como o tráfico de seres humanos e, especialmente, o tráfico de menores.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, através da Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação, presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social aos imigrantes vítimas de crime, bem como às vítimas de discriminação racial ou étnica.

Nesta rede especializada, migrantes e refugiados vítimas de crime encontram o apoio e meios necessários para que possam ultrapassar e superar as consequências deixadas pela vitimação e encontrar esperança num futuro mais seguro e mais digno.

Pedrógão: Trauma será "inultrapassável se não houver apoio desde logo"

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) sublinha, em entrevista ao Notícias ao Minuto, a importância de prestar apoio imediato às vítimas da tragédia ocorrida em Pedrógão Grande para que o luto natural não se transforme "em doença".



Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), defende que a prestação rápida de apoio para recuperação emocional das vítimas de Pedrógão Grande "é fundamental".

PUB

O psicólogo clínico sublinha, em declarações ao **Notícias ao Minuto**, que se trata de uma catástrofe que resultou "na perda de muitas vidas humanas" e que, além disso, "eram todas parte de uma comunidade".

"Para além de ser necessário e fundamental cada pessoa fazer o seu luto, a própria comunidade tem que fazer o seu luto. Isto acresce aqui um problema porque, **normalmente, as pessoas quando têm que fazer os seus lutos pessoais, relativamente às pessoas que lhes são queridas, muitas vezes apoiam-se na própria comunidade para a comunidade as ajudar a ultrapassar este período. Aqui acresce o facto de a própria**

comunidade estar enlutada", refere.

No entender de Daniel Cotrim, a prioridade no imediato é a estabilização emocional dos afetados pela catástrofe:

"Neste momento, o principal é trabalhar do ponto de vista emocional, trabalhar as emoções, o que é que as pessoas estão a viver. De alguma forma, ajudá-las a expressar aquilo que estão a sentir e depois mais tarde, isso sim, para aqueles que assim quiserem, iniciar o trabalho de apoio psicológico, até porque o luto se faz aos poucos, passo a passo".

A tragédia ocorrida em Pedrógão Grande infligiu um trauma imenso sobre os sobreviventes. Com pelo menos 64 mortos confirmados e mais de 150 feridos, a vaga de incêndios sem precedentes deixou também mais uma centena de desalojados. Serão várias as pessoas com necessidade de intervenção psicológica. Daniel Cotrim acredita, no entanto, que o trauma "não é inultrapassável" desde que haja uma reacção célere.

"[O trauma] é inultrapassável se não houver apoio logo. **O sentimento de perda, de saudade, esse, sim, é inultrapassável, ficará para sempre. Não deixarmos transformar o luto numa coisa patológica é que é o importante.** [Não chegar ao ponto em] que o luto deixe de ser um fenómeno natural e passe a ser uma doença, associada a depressões profundas, sentimentos de tristeza e nostalgia profundos", indicou, referindo que podem daqui advir perturbações de carácter psicopatológico (comportamentos ligados ao álcool ou até comportamentos suicidas).

Daniel Cotrim manifesta, de resto, em nome da APAV, "consternação" e "sincero pesar para com os familiares e os amigos das vítimas". **"E um agradecimento a todos e a todas que têm trabalhado e que estão envolvidos na luta aos incêndios"**, terminou.